

P O E S I A

LÚCIA DELORME

Desimporta
que o grão do instante
vivo intenso
depois pó
se perca e
menos que nada
se anule
existir também é isso

como se não tivesse sido

. . .

Fluxo não é jorro

exemplo:

Heráclito

Sentir não se piegas

vê:

acácias

Suave pode ser aresta

exemplo:

vértebras

. . .

Rua das Naus
sem nau nenhuma

Não Pólux, mas Tífis
errante em seus velames

no perigo das origens, mas
sem excessos semânticos:

ex-Príamo
o mendigo ali?

Não.
Sua autoevidência
inconteste:

mefítico

Rua das Naus
sugere mas falha

seu tráfego
além tempo,

seu Ulisses
no vento

. . .

P O E S I A

Cuidado, Calandra, com as asas que usares
em sua insistência sem causa
o frágil liame
da cantata
pode resultar em entulho
pode resultar em desastre

a evasão absoluta é a morte

. . . .

A Criação é um peso
no trabalho divino,
nem Deus é livre
em seu ofício
Serão os pássaros
sobre as acácias
no espaço do pátio?

Duvido

. . . .

Cuide, ó Nauta,
do teu mapa cego,
no vento o trajeto
quedará impresso

O teu rumo Tróia
tão exato incerto
por Índicos, selvas,
faina e tédio

Cuide, ó Nauta,
dos frágeis afetos
e também dos golpes
que sofreste e deste

Estação ou porto,
inventário ou hora
o suspiro extremo,
ó Nauta, desconhece

Lúcia Delorme, nascida na cidade de São Paulo, é formada em psicologia e vive em Salvador, Bahia. Escreve o blogue Raízes aéreas e é autora do livro do mesmo nome, inédito, de onde foram tirados os poemas aqui publicados.